

O ENSINO DO ESPAÇO URBANO NOS 9º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS DE SURUBIM-PE

Luclécio Leite de Lima ¹
Joyce de Moura Silva Dias ²
Maria Eduarda Oliveira de Souza ³

INTRODUÇÃO

No presente trabalho iremos debater um pouco sobre o que vem a ser uma cidade, analisar e compreender todos seus processos de produção e reprodução do espaço urbano, baseado em excelentes artigos renomados e de artigos científicos de amigos pesquisadores. É importante entendermos o processo da formação da identidade de lugar onde todo mundo tem o seu que foi construído ao longo do tempo em uma determinada porção do espaço geográfico. Quando visitamos o nosso lugar que temos uma identidade bem estruturada com ele, ao analisarmos aquela paisagem temos sentimento de não ter saído dali, conseguimos até sentir o cheirinho daquele lugar que parece fazer parte de mim, porém essa identidade, esse turbilhão de sentimentos vai sendo modificado, a medida que a cidade vai se reproduzindo vai se mudando, a rua que parecia mais um estádio de futebol nos finais de tardes, da lugar a uma avenida bem movimentada, o clubinho de piscina onde as famílias do bairro se reuniam da lugar a um grande edifício, com a era da tecnologia as crianças quase não são vistas na rua como antes, brincando de polícia e ladrão, de esconde, esconde tudo isso deu a um lugar a um amontoado de concreto e aos veículos automotores. Hoje temos uma sociedade problemática, onde tudo precisa virar stories nas redes sociais e postagens no feed. A juventude impôs um padrão de vida, de beleza, até o lugar a ser frequentado para ser uma pessoa popular, aprisionando os jovens em seus casulos, em seus quartos. Diante desse resultado da dinâmica da cidade, os professores de geografia, principalmente os docentes que já estão com alguns anos de profissão, se depara com dificuldades de ministrar uma aula abordando esse assunto. a cidade vista por eles enquanto estudante de geografia não é a mesma e nem tão pouco a forma que ela se reproduz e contribui também com esse paradigma a ausência de formações continuadas para os professores e a falta de um departamento de geografia municipal para auxiliar na construção desse saber¹. Ao analisarmos o componente curricular adotado pelo município de surubim-PE, mais precisamente o de geografia, a matriz do 9º ano do ensino fundamental anos finais, apresenta apenas na 4ª unidade um eixo temático e alguns conteúdos para tratar a cidade. Depois da reforma na Base Nacional Comum Curricular, BNCC, esses componentes sofreram com o “empobrecimento” dos conteúdos a serem trabalhados em sala, afetando mais ainda o ensino aprendizagem do que é o espaço urbano como ele se produz e é reproduzido do aluno.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Iremos construir um trabalho baseando-se em vários autores, Milton Santos, Ana Fani Esteves, sobre o espaço urbano com seus processos de produção e reprodução do espaço

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade de Pernambuco - UPE, professor_luclecio_geografia@outlook.com;

² Graduado pelo Curso de Geografia da Universidade de Pernambuco - UPE, diasjoyce17@hotmail.com;

³ Mestrando do Curso de Geografia da Universidade de Pernambuco - UPE, eduarda.oliveira12397@gmail.com;

analisando como os alunos do 9º ano fundamental II compreende essa dinâmica não sendo a realidade deles.

DESENVOLVIMENTO

O QUE É A CIDADE?

Quando falamos em cidade, podemos ter vários caminhos a serem seguidos. Mas a palavra cidade, qual as primeiras coisas que veem em sua mente? Logo vem a ideia de centralidade, de muitas pessoas, carros, prédios, concretos, mercados lojas, feira livre, praças e ruas conhecidas. Ana Fani (2009, p.12) justifica esse pensamento “É raro emergirem associações vinculadas a sentimentos e emoções que permeiam as relações humanas.”, os grandes edifícios acabam escondendo quem são os verdadeiros heróis que fizeram com que tudo se tornasse realidade.

Todo mundo tem sua identidade de lugar, aquela casa no sítio que tem suas característica, que quando você chega é como se nunca houvesse saído dali mas a dinâmica da cidade faz com que as pessoas percam a identificação e se afastem de pessoas que outrora já foram próximas, Ana Fani corrobora com essa ideia (2009, p.19).

A vida das pessoas se modifica com a mesma rapidez que se produz a cidade. O lugar da festa, do encontro quase desaparecem; o número de brincadeiras infantis nas ruas diminui – as crianças quase não são vistas; os pedaços da cidade são vendidos, no mercado, como mercadorias; árvores são destruídas, praças transformadas em concreto. Todavia, o mesmo modo de vida urbano que expulsa das ruas as brincadeiras infantis, aprisionando as crianças e adolescente, produz o seu inverso, e joga nas ruas centrais da cidade ou nos cruzamentos de alta densidade crianças vendendo coisas ou roubando. Benjamim, no ensaio sobre Moscou, revela que no panorama das ruas dos bairros as crianças são importantes; “durante o dia são vistas nos mais das vezes sozinhas, cada qual segue sua própria trilha de guerra. A noite, porém, junta-se em bandos defronte de fachadas muito luminosas de cinemas, e conta-se aos forasteiros que não é bom encontrar tais bandos ao retornar para casa por caminhos ermos. Para entender esses seres completamente emburrecidos, descontraídos, amargurados, ao educador só resta ir para a rua em pessoa.

O cotidiano das cidades, carros buzinando caminhão acelerando, poluição, sinal fecha, sinal abre, vem modificando as vidas de acordo como a cidade vai sendo modelada, sobre qual técnica vai ser usada, o espaço não vai deixar de existir, o que vai acontecer é uma mudança nele através de métodos usados, ele vai apenas está de nova função, pois, ele é misto, híbrido cheio de formas e funções. (Milton, 1999, p.32).

A sociedade urbana determina o modo de vestir, ao ver as pessoas bem vestidas automaticamente o jeito como é tratado e mudado. Basta ir a um restaurante de Surubim, Pernambuco, que nos finais de semana é lotado e falta mesas, no aguardo, passamos por um constrangimento onde outro grupo de pessoas ali também aguardava, só havia chegado depois de nós, foi oferecido uma mesa, o grupo era de classe alta e vestiam trajes de grife e haviam descido de um carro de luxo do ano. A população jovem da cidade, excluem pessoas de mesma faixa etária, por não vestir looks de um rapaz de uma loja de importados ou por não ter um corte de cabelo realizado na barbearia burguês da cidade. Gestos e comportamentos eliminam cidadãos que são diferentes por não atingir esse parâmetro urbano imposto. Justifica esse pensamento a autora Ana Fani (2009, p. 21).

As pessoas são tratadas de forma diferenciada em função de sua aparência, das roupas que vestem do carro que dirigem, lugares onde passam as férias, restaurantes que frequentam, cartões de créditos que usam. Até as filas de banco são diferenciadas pelo uso do cheque especial. A mídia produz um modo de vestir e de sentir dentro de determinada roupa; e até um modo de sentir. o homem passa a ser visto, avaliado e respeitado a partir de uma aparência produzida. São os valores urbanos. É a sociedade urbana que os impõe.

A cidade para Ana Fani (2009, p. 23) se edifica de uma forma heterogênea, de várias formas. De um lado temos os grandes projetos arquitetônicos que dar característica daquela área de casas, praças e prédios de bairro nobre e já do outro lado um padrão arquitetônico diferente, e como o diferente não se encaixa no padrão, ele é excluído e nomeado como uma população de baixo poder aquisitivo. Esse uso do espaço urbano de maneira heterogênea provoca uma desorganização espacial difícil de ser controlada, já que é fruto da má distribuição de renda que forma desigualdade social. Assim os grupos excluídos começam a resistência ao direito de poder frequentar as áreas de alto poder aquisitivo, pois após a implantação de lanchonetes, bares e restaurantes de auto custo faz com que fique impossível a presença desse grupo. A autora contribui. “como consequência surgem os movimentos sociais urbanos pelo direito á cidade no seu sentido pleno – o habitar e tudo que isso implica, não se restringindo apenas a luta por equipamentos urbanos.” (CARLOS, 2009, p.20).

A paisagem urbana, da para perceber a humanização através do olhar do pesquisador. A desigualdade pode ser percebida com as aparências de concretos que trás consigo a multiplicidade do tempo. Ana Fani (2009, p. 24) diz;

A paisagem é humana, tem a dimensão da história e do socialmente reproduzido pela vida do homem. É expressão do trabalho social materializado, mas também é expressão de um modo de vida. A desigualdade que pode ser percebida “no olhar-se a paisagem” é consequência dos contrastes decorrentes do processo de produção do espaço urbano. As relações criam as formas e as funções que devem ser cumpridas.

Segundo Milton Santos (1999, p. 36) para que essas formas e funções sejam cumpridas precisa de uma técnica. O espaço vai mudando e o sucesso da técnica acaba dependendo de outras de periodos diferentes, e o que é velho no processo é deixado para trás e o antigo serve de alicerce para nova. Essa fusão de diferentes processos vai trazer consequências sobre as formas de vidas daquele espaço, chamado por Th. Hughes de “reverse saliente”.

Ao analisarmos um espaço urbano, não podemos esquecer de resgatar os sentimentos que estão por trás dos amontoados de concreto e ferro. Na cidade podemos ter um modo de vida, que produza valores e culturas locais e regionais e também pensamos e sentimos tudo que acontece. A vida humana precisa ser desenvolvida e por isso devemos ter cuidado quando falamos em produção, que produção do espaço seria essa? Temos que monitorar as ações de um dos principais agentes de produção do espaço urbano, o estado. É dele a garantia que a cidade também será um espaço de sentir, se expressar e ter um modo de vida mais justo. Ana Fani (2009, p. 27) resume melhor como deve ser um espaço urbano.

A cidade apresenta trabalho materializado; ao mesmo tempo em que representa uma determinada forma do processo de produção e reprodução de um sistema específico, portanto, a cidade é também uma forma de apropriação do espaço urbano produzido. Enquanto materialização do trabalho social, é instrumento da criação de mais-valia, é condição e meio para que se instituem relações sociais diversas. Nessa condição apresenta um modo determinado de apropriação que se expressa através do uso do solo. O modo pelo qual esse

uso se dará dependerá, evidentemente, dos condicionantes do seu processo de produção. No caso da sociedade capitalista estará determinado pelo processo de troca que se efetua no mercado, visto que o produto capitalista só pode ser realizado a partir do processo de apropriação, no caso específico, via propriedade privada. Assim a cidade aparece como um bem material, como uma mercadoria consumida de acordo com as leis da reprodução de capital. O processo de produção da cidade tem por característica fundamental produzir um produto que é fruto do processo social de trabalho, enquanto processo de valorização, que aparece sob a forma de mercadoria, que se realiza através do mercado; isto é, a terra urbana é comprada e vendida no mercado imobiliário enquanto mercadoria.

A partir do momento que a cidade é tratada como mercadoria, como meio de acumulação de capital, a parte humana é esquecida acarretando vários problemas sociais e movimentos sociais no espaço urbano. O espaço urbano deixa de expressar o sentimento de pertencimento, aquela rua onde a criançada jogava bola passa a ser uma rua com vários escritórios e o fluxo de pessoas e veículos aumentam, alimentando o modo de reproduzir a cidade de acordo com o sistema.

O ESPAÇO URBANO NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Ao estudarmos geografia podemos compreender a sociedade que estamos inseridos, já que ela nos proporciona a compreensão do planeta, podendo ser estudada em escala menor como um país e até mesmo a cidade, com suas formas e funções que irá colaborar para formação de uma identidade onde o sujeito analisa uma paisagem, a vivência da coletividade e a cultura daquele espaço, fazendo perceber que o indivíduo também é um produtor e reproduzidor do espaço urbano.

Para compreendermos melhor a geografia podemos usar o raciocínio geográfico, que é a forma de levar o pensamento a compreender e tirar conclusões da realidade. E a cidade entrará no princípio de ordem, responsável pelos processos de maior complexidade como o modo de estruturação do espaço de acordo com as regras da própria sociedade que o produziu. E à aprendizagem da geografia vai proporcionar o conhecimento da diversidade étnico-racial, respeitando a diversidade e combatendo o preconceito e a violência existentes no meio urbano, segundo a BNCC.

O espaço pode ser considerado a categoria mais ampla da geografia que vai se encaixar na temática do sujeito e seu lugar no mundo, que para o 9º ano do ensino fundamental anos finais, as expectativas de aprendizagem vão ter o objetivo de ampliar o olhar do sujeito para os contextos mais amplo da produção do espaço. Assim a geografia vai valorizar o sujeito inserindo na posição de um cidadão ativo, democrático e solidário e mostrando-lhe que ele está localizado em um determinado espaço e tempo como um produto, porém como um produtor dessa mesma sociedade com suas culturas e normas. com isso podemos entender que a cidade não é apenas um pedaço de território, mas um conjunto de relações que se relacionam com outros lugares, perante a BNCC.

De acordo com a Base Nacional Comum curricular, no ensino da geografia deve ter o desenvolvimento e domínio de algumas competências específicas como desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem. A partir dessa competência teremos uma visão mais ampla de como a cidade se reproduz e como fazemos parte efetivamente desse processo de produção do espaço urbano.

O ESPAÇO URBANO NO PARÂMETRO CURRICULAR ADOTADO POR SURUBIM-PE

Com as continuas reformas que acontecem na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os conteúdos de geografia foram resumidos acarretando o resumo também dos assuntos que estudam o espaço urbano. Não seria diferente com os parâmetros curriculares da secretaria de educação de Pernambuco que também sofreram as Imagem

Com a reformulação, os parâmetros curriculares “empobreceram” drasticamente. Observamos o 9º ano do ensino fundamental series finais, onde apenas na 4º unidade tem o eixo temático que envolve o espaço urbano, modos de viver, trabalhar e produzir nas cidades brasileiras e pernambucanas. Temos os conteúdos; Brasil e Pernambuco, a vida nas cidades e serviços básicos, espaço urbano e rural, tecnologia e comunicação no modo de vida rural e questões urbanas no Brasil e no mundo. Como já dito, o espaço com sua produção e reprodução é o assunto mais complexo da geografia, e como percebemos com o parâmetro curricular um dos menos vistos, a base acabou ficando muito resumida com o objetivo para melhor compreensão dos alunos, como corrobora Esteves (2006).

Muda igualmente a linguagem dos manuais, isto é, deixam de ter um carácter de apoio ao professor, para se dirigirem directamente aos alunos. O manual fala para o aluno, numa clara tentativa de o centrar no processo de ensino – aprendizagem. Um outro aspecto a salientar é a necessidade de os manuais ainda fazerem uma sistematização dos conhecimentos a reter, apesar de se evitar uma linguagem muito ligada à definição de objectivos de ensino

Com essas modificações, sem uma formação adequada, fica mais difícil dos professores ministrarem suas aulas, principalmente aqueles que já estão a uma, duas e até três décadas na prática docente pois existe uma modificação na metodologia usada no passado com as que precisam ser usadas hoje para atingir a mesma expectativa de aprendizagem como justifica Esteves (2006).

A forma como o estudo das cidades é apresentada nos manuais escolares parece não ter absorvido as grandes mudanças que se verificaram na própria evolução do espaço urbano. Quase se poderia dizer que os manuais continuam a ensinar a cidade que os seus autores, também professores de Geografia, aprenderam nas Universidades enquanto estudantes.

A autora enfatiza a importância da mudança nas práticas de ensino através de formações que façam o docente usar uma nova metodologia que se desprenda da absorvida por ele em sua graduação a 30 anos atrás, e mostra para os docentes que a cidade é muito mais do que aquilo que é mostrado no parâmetro curricular adotado pelo município de Surubim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que após essa análise, a cidade, graças ao meio técnico científico informacional, está em um processo acelerado de produção, reprodução e transformação de seu espaço, e que cabe a nós professores de geografia acompanhar todo esses processos de modificação, precisamos desapegar do que ficou velho no estudo do espaço urbano, e se apegar como base o que é antigo, o que segundo os grandes autores como Ana Fani e o saudoso Milton Santos entre outros deixaram como contribuição para a ciência geográfica, pois vários caminhos de se compreender a cidade não estão mais caminháveis e é preciso traçar um novo trajeto para compreensão.

Como responsáveis de desenvolver o pensamento geográfico crítico e analista, não devemos se prender apenas aos conteúdos propostos pelo componente curricular e nem tampouco ter o livro didático como uma bíblia, precisamos ensinar a cidade em sua totalidade, e desenvolver metodologias que levem o aluno até esse aprendizado. Mas para isso, o corpo docente da cidade de Surubim, precisa de formações continuadas, rodas de conversas, mesas redondas, enfim, eventos que ajudem esses professores a desenvolver uma metodologia cada vez mais eficaz e que atenda a necessidade da compressão da cidade da era das tecnologias.

Palavras-chave: Espaço urbano, Ensino, Geografia, Escolas.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**: São Paulo: Contexto, 2009.

SANTOS, Milton Santos. **A Natureza do Espaço: Razão e Emoção**: São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

BRASIL: Ministério da Educação Nacional: **Base Comum Curricular**. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em agosto de 2019.

ESTEVES, Maria Helena Fidalgo. **Ensinar a “cidade” no ensino básico**: Lisboa, 2006.